

Níveis de Procrastinação e Autorregulação dos Estudantes das Gerações x, y e z: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal nos cursos das áreas empresariais

THAMARA PREDIGER FORMIGHIERI

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SIDNEI CELERINO DA SILVA

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

DELCI GRAPEGIA DAL VESCO

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

DENIZE CAVICHIOLI

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo

A procrastinação tem sido um obstáculo encontrado na aprendizagem da educação superior e é uma realidade na área dos cursos voltados à área empresarial. Diante disso, torna-se pertinente analisar a compatibilidade existente entre os níveis de autorregulação e procrastinação através das gerações x, y e z no contexto acadêmico dos cursos de ciências empresariais. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre os níveis de procrastinação e autorregulação na percepção de estudantes de graduação na área de negócios, pertencentes às gerações x, y e z em contextos culturais distintos, Brasil e Portugal. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma pesquisa descritiva, de caráter quantitativo com a utilização de estatística descritiva e foram aplicados questionários aos alunos matriculados nos cursos de Contabilidade e Administração no Brasil e Organização e Gestão de Empresas (OGE), Marketing e Comunicação Empresarial (MCE) e Contabilidade e Fiscalidade (CF) em Portugal. No Brasil houve 209 respostas e em Portugal 101, totalizando 310 respostas. Os resultados indicam que as gerações mais novas, y e z, tendem a procrastinar mais que a geração x, além disso, a geração x possui mais capacidade de autorregular a aprendizagem comparada com as outras duas gerações em ambos os contextos. Os estudantes das gerações y e z, no Brasil, apresentam o mesmo nível de autorregulação; porém, a geração z procrastina mais que a y. No contexto português, os resultados encontrados são diferentes, pois a geração z detém mais habilidade de autorregular a sua aprendizagem e o seu nível de procrastinação é inferior, comparando com a geração y portuguesa.

Palavras chave: Procrastinação, Gerações, Área Empresarial.

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia apresenta dois paradigmas – o primeiro, considerado antigo, refere-se à revolução industrial, enquanto o segundo trata-se da Era Digital ou Era da Informação, em que as pessoas detêm rapidamente uma infinidade de informações. Por meio disso, na era da mundialização – parte do segundo paradigma –, a sociedade deve se adaptar às inúmeras modificações que surgem com a tecnologia, essa que está por toda parte e se alastra com rápida velocidade (Tijiboy, 2001).

A procrastinação é um comportamento que faz as pessoas adiarem as obrigações por falta de planejamento para se autorregular (Ferrari, 2001). Por natureza, o homem consegue se autorregular e essa competência genuína pode ser considerada uma das particularidades humana mais importante. A autorregulação é a capacidade que a pessoa tem em gerenciar seus pensamentos, sentimentos e ações as quais são planejadas e organizadas para que assim resulte na obtenção dos propósitos e metas pessoais (Zimmerman, 2002).

O ato de se regular é um processo ativo no qual os indivíduos estabelecem seus objetivos que são orientados pela aprendizagem e buscam controlar, conduzir e direcionar suas cognições, incentivos e ações com a finalidade de os atingir (Rosário, Trigo, & Guimarães, 2004). Assim, a autorregulação é importante para conquistar com mais facilidade o objetivo desejado sem pressão e preocupação, característica fundamental na área de ciências empresariais, pois os profissionais necessitam cumprir prazos e as organizações seguem rotinas.

As gerações se distinguem em situações que envolvam costumes, crenças, princípios e prevalência, mesmo assim, essas se relacionam conjuntamente em organizações. Santos Neto e Franco (2010) explicitam que a geração x nasceu entre 1965 e 1978, período marcado pelo movimento *hippie* e revolução sexual; a geração y é composta por indivíduos que nasceram entre 1979 e 1992, a qual é delimitada pela revolução tecnológica. Por fim, a geração z nasceu a partir de 1993, época em que o mundo virtual é predominante.

Com mudanças e evolução tecnológica constantes, percebe-se que as pessoas tendem aumentar o nível de procrastinação, adiando as obrigações por razão de outros fatores aparentemente serem mais interessantes – como a *internet*, redes sociais e até mesmo momentos de lazer com a família. Em síntese, deixam para depois uma tarefa que pode ser realizada agora (Burka & Yuen, 1991).

No contexto acadêmico, a procrastinação existe quando não ocorre a realização de atividades exigidas dentro do prazo estipulado (Senécal, Koestner, & Vallerand, 1995) ou acontece com atitudes que retardam, para o último momento existente, a elaboração de atividades acadêmicas, que podem ser, preparação de artigos científicos, trabalhos escritos ou estudar para exames (Hill, Hill, Chabot, & Barrall, 1977).

No âmbito de pesquisa científica, tanto nacionais quanto internacionais, encontram-se diferentes estudos com a temática procrastinação, os quais discutem diversas perspectivas, realizadas principalmente na área de psicologia. Assim, Burka e Yuen (1991) descobriram algumas características dos procrastinadores habituais. Ferrari (1991) expôs as atitudes dos procrastinadores quanto as suas particularidades. Também há investigações referentes aos tipos de tarefas mais procrastinadas pelos acadêmicos (Day, Mensik, & O'Sullivan, 2000). Costa (2007) explorou o comportamento procrastinador de alunos do ensino fundamental em Portugal. Somers (2008), Balkis e Duru (2009) e Iskender (2011) realizaram pesquisas analisando a relação do gênero com ações procrastinadoras.

Na área das ciências empresariais, encontra-se apenas os estudos de Ribeiro, Avelino, Colauto, & Nova (2014) e Borges, Santos, Abbas, Marques e Tonin. (2014) relacionados ao tema abordado. A pesquisa realizada por Borges et al. (2014) tem como finalidade identificar causas prováveis para o grande número de reprovação na matéria de Contabilidade de Custos, no curso de Ciências Contábeis na Universidade Estadual de Maringá (UEM), nos anos de 2008 a 2013. A análise ocorreu por meio das reprovações por nota e por falta. Para uma avaliação limitada das reprovações por nota, utilizou-se a variável ansiedade a qual demonstrou que 60% dos participantes apresentam essa característica. Na análise das reprovações por falta, foram utilizadas as variáveis pouca dedicação e desinteresse, identificadas em 47% dos participantes.

No estudo de Ribeiro et al. (2014), os autores investigaram a relação da procrastinação e o desempenho acadêmico de graduandos do curso de Ciências Contábeis de Instituições de Ensino Superior (IES). Participaram da pesquisa 200 estudantes de três instituições de ensino público, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os resultados sugerem que os acadêmicos com alto nível de procrastinação têm o desempenho reduzido, sendo essa ação mais comum no gênero masculino; e, por fim, os autores sugeriram para análises futuras a relação da variável idade com o nível de procrastinação.

Além dos poucos estudos encontrados sobre o tema, apenas dois foram desenvolvidos com alunos na área de ciências empresariais e nenhum deles abordou a discussão da relação de estudos geracionais com a procrastinação e autorregulação em contextos culturais distintos, por exemplo, Brasil e Portugal. Esse estudo justifica-se na verificação do nível de procrastinação e autorregulação existente em cada geração, contribuindo na constatação de qual geração tende a procrastinar mais e a sua relação com a autorregulação. Devido a isso, é importante tanto para os jovens e acadêmicos analisarem em qual geração se enquadram, quanto para professores saberem se os alunos tendem a ter esses comportamentos.

Com base no contexto apresentado, verifica-se a importância de analisar o nível de procrastinação e autorregulação entre as gerações x, y e z e, com isso, chega-se na seguinte problemática: qual a relação entre os níveis de procrastinação e autorregulação com as gerações x, y e z, dos estudantes de graduação na área de negócio em contextos culturais distintos, Brasil e Portugal?

O estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre os níveis de procrastinação e autorregulação na percepção de estudantes de graduação na área de negócios, pertencentes às gerações x, y e z em contextos culturais distintos.

Com a finalidade de detalhar o objetivo geral e, portanto, solucionar o problema, foram estabelecidos alguns objetivos específicos para a pesquisa:

- a) relatar, conforme a literatura nacional e internacional, a teoria geracional e características das gerações x, y e z, procrastinação e autorregulação da vida acadêmica e profissional;
- b) identificar os níveis de autorregulação e procrastinação dos grupos delimitados;
- c) comparar o nível de autorregulação e procrastinação dos estudantes das gerações x, y e z no contexto Brasil e Portugal.

Nessa perspectiva, torna-se pertinente analisar a compatibilidade existente entre os níveis de autorregulação e procrastinação através das gerações x, y e z no contexto acadêmico dos cursos de ciências empresariais. Adicionalmente, as atividades empresariais requerem autorregulação, devido ao fato de existir prazos a serem cumpridos e o adiamento de tarefas burocráticas, fiscais e gerenciais podem resultar em multas, custos adicionais e perdas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Teoria Geracional e Características das Gerações x, y e z

A teoria geracional é um tema no âmbito organizacional, social e acadêmico. É pertinente aprofundar os conhecimentos nessa área para melhor compreender e conviver com indivíduos que possuem atitudes e ideais distintos. Diversos autores como, Levy e Weitz (2000), Ogg e Bonvalet (2006), Santos Neto e Franco (2010), Tapscott (2010) apresentam as divisões das gerações e suas respectivas características; contudo, existem algumas divergências nas classificações utilizadas, mas que não chegam a interferir no processo. Assim, aprofunda-se, nos próximos tópicos, a teoria geracional e as características das gerações.

Os estudos que abordam a questão geracional apresentam suas dúvidas perante à influência do ambiente no desenvolvimento das particularidades de cada indivíduo das divisões de gerações. Jorgensen (2003) entende que os elementos mais relevantes para a formação das qualidades de cada um são o grau de maturidade e o ciclo de vida. Porém, Ikeda, Campomar e Pereira (2008) destacam que a formação das características apresenta fortes influências dos fatores externos ocorridos durante a juventude de cada pessoa. O primeiro autor a realizar estudos e apresentar conclusões referente às teorias geracionais, reconhecido mundialmente, foi o sociólogo Karl Mannheim.

Diante disso, percebe-se que existem contribuições de diversos sociólogos de todo o mundo e de distintas épocas para complementar e explicar a teoria geracional. Um tema pertinente para todos os indivíduos estarem aptos a conviverem de maneira eficiente com pessoas de diferentes gerações em ambientes sociais, acadêmicos e organizacionais. Ainda, entende-se que fatores históricos, sociais e econômicos juntamente com o período que ocorre a definição da identidade de cada indivíduo, são fatores primordiais na classificação de cada pessoa em uma determinada geração.

Em cada geração existem divergências de períodos entre os autores que estudam esse tema; não há grandes diferenças referentes às características definidas (Parry, & Urwuin, 2010). Na Tabela 1, encontra-se a classificação proposta por três autores diferentes:

Tabela 1 – Grupo de gerações por faixa etária

Grupo de Gerações	Autores	Datas de Nascimento	Idade em 2017
Geração X	Levy e Weitz (2000)	1965-1976	52-41
	Santos Neto e Franco (2010)	1965-1978	52-39
	Tapscott (2010)	1965-1976	52-41
Geração Y	Levy e Weitz (2000)	1977-1988	40-29
	Santos Neto e Franco (2010)	1979-1992	38-25
	Tapscott (2010)	1977-1997	40-20
Geração Z	Levy e Weitz (2000)	1989-2010	28-7
	Santos Neto e Franco (2010)	A partir de 1993	24-0
	Tapscott (2010)	A partir de 1998	21-0

Fonte: Levy e Weitz (2000), Santos Neto e Franco (2010) e Tapscott (2010).

Assim, com a Tabela 1, verifica-se uma pequena divergência nos anos delimitados por cada autor. O ano de nascimento inicial que abrange a geração x foi delimitado pelos três autores em 1965, porém só dois desses consideraram 1976 como sendo o último ano de pessoas nascidas que podem ser classificadas como da geração x. Santos Neto e Franco (2010), definem que esta geração vai até 1978. Existe uma harmonia entre dois autores para o ano inicial de nascimentos – que é 1977, com uma diferença de apenas 2 anos para a definição do outro autor, porém a diferença para os anos finais dessa geração são entre 4 e 5 anos. Por

fim, na última geração, z, os autores Levy e Weitz (2000) consideram o intervalo de 1989-2010 de nascimento dos indivíduos que compunha essa geração, os outros autores consideraram a partir de 1993 e 1998.

A geração x é composta por pessoas consideradas mais práticas, espontâneas e focadas em resultados, um pouco egoístas e que não se prendem às funções – ou seja, são mais flexíveis para enfrentar mudanças, contanto que atinjam seus anseios. Suas prioridades quanto ao trabalho devem apresentar um sentido claro, autonomia e liberdade (Zemke, Raines, & Filipczark, 2000; Amaral, 2004; Lombardia, Stein, & Pin, 2008; Tolbize, 2008; Parry, & Urwin, 2010). Diante disso, entende-se que são indivíduos mais aplicados em cumprir suas metas, o trabalho apresenta um ambiente de aprendizado e crescimento.

O nascimento das pessoas enquadradas na geração y foi marcado período da era digital em um mundo globalizado. Assim, são indivíduos que cresceram habituados a serem valorizados e com sentimento de superioridade aos demais. Seus traços são de autoconfiança, coragem, independência, agitação e dificuldade em cumprir ordens (Smola, & Sutton, 2002; Amaral, 2004; Ikeda, Campomar, & Pereira, 2008; Lombardia, Stein, & Pin, 2008; Smith, 2008). Por meio disso, são pessoas que estão acostumadas com agilidade e mudanças rápidas; ou seja, sentem necessidade de obter grandes progressos em suas carreiras sem dispor de paciência e trabalhar o suficiente para que isso ocorra com o tempo, o que ocasiona a troca de organização com frequência.

Para Ciriaco (2009), essa geração é conhecida como uma geração silenciosa, pois sempre estão com fones de ouvido, escutam pouco e falam menos ainda. Diante disso, percebe-se que são pessoas que tendem ao egocentrismo, pois só se preocupam consigo mesmo. Ainda, são indivíduos que apresentam problemas com interação social e fraco desenvolvimento interpessoal. Muitos adolescentes apresentam dificuldade em se expressar verbalmente, ocasionando algumas complicações.

Ainda não se tem muito claro como essa geração irá se comportar perante o ambiente de trabalho e se as especializações existentes serão mantidas por esses jovens (Santos Neto; & Franco, 2010). Portanto, percebe-se que o mundo *on-line* pode acarretar em dificuldades para os jovens se expressarem, terem relacionamentos interpessoais e desenvolverem a paciência para atingir seus objetivos. Contudo, são muito ágeis e com grande capacidade de adaptação às mudanças, principalmente quando envolvem tecnologia.

Nessa perspectiva, a Tabela 2, dispõem das principais características de cada geração

Tabela 2 – Características das gerações x, y e z

Grupo de Gerações	Características	Autores
Geração X	Pessoas práticas, espontâneas, focadas em resultados, um pouco egoístas e não se prendem as funções, ou seja, são mais flexíveis para enfrentar mudanças, desde que atinjam seus anseios.	- Zemke, Raines e Filipczark, 2000; - Amaral, 2004; - Lomardia, Stein e Pin, 2008; - Tolbize, 2008; - Parry e Urwin, 2010
Geração Y	São indivíduos acostumados a serem valorizados e com sentimento de superioridade aos demais. São autoconfiantes, corajosos, independentes, agitados e com dificuldade para cumprir ordens	- Smola e Sutton, 2002; - Amaral, 2004; - Ikeda, Campomar e Pereira, 2008; - Lombardia, Stein e Pin, 2008; - Smith, 2008
Geração Z	São jovens que possuem habilidade de realizar várias coisas ao mesmo tempo, utilizam a <i>internet</i> para comunicação, estudo entre diversas outras funções. Há pouca interação social, com tendências ao	- Tapscott e Williams, 2007; - Tapscott, 2010

egocentrismo. Anseiam por liberdade, customizar tudo, integridade no ambiente de trabalho, velocidade e inovação.

Fonte: Adaptado de Zemke, Raines e Filipczark (2000); Smola e Sutton (2002); Amaral (2004); Tapscott e Williams (2007); Ikeda, Campomar e Pereira (2008); Lombardia, Stein e Pin (2008); Smith (2008); Tolbize (2008); Parry e Urwin (2010); Tapscott (2010).

Assim, com a Tabela 2, percebe-se a diferença existente entre as gerações, todas dispõem de qualidades e defeitos, porém ao deter conhecimento dessas características se torna mais fácil a convivência entre indivíduos de diferentes grupos geracionais. Diante disso, entende-se que pessoas da geração x serão mais egoístas, porém práticas e flexíveis às mudanças, os indivíduos da geração y tendem a apresentarem aspectos de superioridade por serem muito valorizados desde crianças, em contrapartida a isso são independentes e corajosos. Por fim, a última geração é composta por pessoas com grande probabilidade ao egocentrismo, contudo com facilidade para utilizar a internet e os meios *on-line*.

2.2 A Procrastinação e Autorregulação da Vida Acadêmica e Profissional

O comportamento autorregulador e procrastinador são temas com grande importância nas pesquisas desenvolvidas em diversas áreas da psicologia, além de adquirirem um fundamental espaço nas discussões sobre o aprendizado, no âmbito escolar. A procrastinação e a autorregulação são comportamentos opostos e estão presentes no cotidiano do indivíduo em ocasiões pessoais, profissionais e acadêmicas.

A palavra procrastinar deriva do latim, “pro” se trata de para adiante ou em favor de, “crastinus” significa do amanhã (Burka, & Yuen, 1991). No dicionário Aurélio (1995), encontra-se algumas palavras como sinônimas, sendo elas: adiar, diferir, tardar, delongar, demorar, enrolar, espaçar, prostrar, transferir para outro dia, ou seja, postergar a realização das tarefas quando as mesmas já poderiam ter sido concluídas (Burka, & Yuen, 1991).

A Teoria Cognitiva e Comportamental (TCC), com seus estudos, pode clarificar o comportamento procrastinador que existe no cotidiano de muitas pessoas. Assim, essa teoria tem a função de esclarecer as atividades cognitivas, as quais possuem capacidade de causar ações a fim de conseguir o comportamento almejado é indispensável a mudança da cognição para alinhar as metas.

Quando o indivíduo desenvolve a habilidade de alterar suas atitudes com a finalidade de alcançar suas metas estipuladas, esse está aperfeiçoando um comportamento autorregulado. O indivíduo precisa se regular frequentemente, para conseguir estruturar e realizar as diversas tarefas das áreas pessoais, sociais, acadêmicas e do trabalho para atingir os objetivos desejados (Almeida, & Soares, 2004).

Com o objetivo de explicar como algumas pessoas detêm a capacidade de autorregular sua aprendizagem acadêmica e suas atitudes no trabalho, utilizou-se a Teoria Social Cognitiva (TSC). Para Zimmerman (2001) alguns teóricos se baseiam nessa teoria para explicar a autorregulação. A TSC pressupõe que toda conduta do indivíduo está relacionada com o contato ativo, mútuo e interdependente entre os aspectos pessoais, comportamentais e ambientais (Bandura, 2008).

Diante disso, neste capítulo foi abordado sobre a Teoria Cognitiva e Comportamental da procrastinação com o intuito de explicar esse comportamento existente na vida de muitos estudantes. A Teoria Social Cognitiva da autorregulação com a finalidade de entender esse hábito desenvolvido por alguns indivíduos e, por fim, discute-se a importância da autorregulação na área de ciências empresariais e acadêmicas.

3 METODOLOGIA

A classificação quanto aos objetivos, nesta pesquisa, é pela estratégia descritiva, já que objetiva descrever e analisar a relação existente entre níveis de procrastinação e autorregulação das gerações x, y e z, sem, no entanto, a pesquisadora interferir na realidade pesquisada.

A classificação, em relação aos procedimentos adotados, que melhor se encaixa no presente estudo é pesquisa de levantamento, pois as informações utilizadas são solicitadas a um grupo de pessoas delimitadas, sendo grupos de alunos na área de ciências empresariais que se enquadram na definição das gerações x, y e z em contextos culturais distintos.

Com relação à abordagem dos resultados, a pesquisa é classificada como quantitativa, pois essa classificação se caracteriza pelo emprego de métodos estatísticos, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados (Richardson, 1999).

Com objetivo de coletar os dados necessários para a realização deste estudo foram aplicados questionários aos alunos matriculados nos cursos da área de negócio em uma universidade pública estadual localizada no Brasil e um instituto politécnico localizado em Portugal. No estudo foi utilizada a estatística descritiva para identificar a relação de procrastinação e autorregulação com as gerações x, y e z, portanto, predomínio de ferramental quantitativo na apresentação dos resultados.

Quanto à coleta e análise dos dados, foram observadas algumas etapas, tais como o cálculo e seleção da amostra, a descrição da fonte, estrutura e finalidade do instrumento e o detalhamento dos procedimentos de coleta e de análise. Com relação à definição da amostra, essa foi oriunda de uma população de 596 alunos inscritos em cursos referentes à área de negócio, sendo em Portugal 198 estudantes que compunham as graduações de Organização e Gestão de Empresas (OGE), Marketing e Comunicação Empresarial (MCE) e Contabilidade e Fiscalidade (CF). No Brasil a população era composta de 398 acadêmicos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis.

Silva, Silva, Gonçalves, & Murolo (1997) recomendam utilizar a fórmula com base na estimativa da proporção populacional, para calcular o tamanho da amostra de uma população finita, quando não se conhece o desvio padrão da população. Assim, para o cálculo da amostra dos alunos de Portugal, tem-se um N de 198 correspondente ao número de inscritos nos cursos de ciências empresárias do instituto politécnico, o coeficiente de confiança é de 99%, o erro amostral considerado foi de 10%, a probabilidade sucesso e de fracasso foram ambas de 50% e o Z foi de 2,576. Por fim, foi calculado o número mínimo que deve fazer parte da amostra de 91 participantes, sendo que foram obtidas 101 respostas dos questionários, os quais foram aplicados em dias normais de aula.

O mesmo cálculo foi realizado com os acadêmicos brasileiros, ou seja, no Brasil se encontra um N de 398, α de 99%, E de 10%, as probabilidades de sucesso e de fracasso foram consideradas 50% e o Z de 2,576, ou seja, o único dado que diverge de Portugal é o tamanho da população. Para atender a esses requisitos, conclui-se que o mínimo de respostas a serem consideradas para ter validade estatística do estudo deveria ser de 118; porém, foram coletadas 209 respostas. Mesmo considerando um grau de confiança de 99% a amostra não representa efetivamente a população, além disso, o critério de seleção por acessibilidade é considerado não probabilístico, portanto influencia a possibilidade de generalização.

A seleção da amostra foi por acessibilidade, conforme a presença dos alunos em sala na data da aplicação dos instrumentos. A população inicial correspondia em 198 alunos portugueses e 398 alunos brasileiros, desses se obteve 101 e 209 respostas, respectivamente.

A coleta dos dados para o levantamento da informação referente ao nível de procrastinação e autorregulação foi por meio da aplicação presencial do questionário de

procrastinação e inventário de processos de autorregulação dos/das alunos/as (IPAA), instrumento adaptado do estudo de Costa (2007). Para atender os objetivos do estudo foram aplicados os questionários, no Brasil e em Portugal, com o intuito de mapear o nível de procrastinação e autorregulação existente entre as diferentes gerações, em contexto cultural distinto. O instrumento está segregado em três partes, sendo elas: a ficha de dados pessoais, questionário de procrastinação e o IPAA. Na ficha de dados pessoais solicitou-se que os respondentes informassem a sua idade, por meio disso, foi possível classificá-los na geração x, y ou z utilizando como base a definição proposta por Santos Neto e Franco (2010) e, portanto, identificar qual geração tende a procrastinar mais e qual o nível de procrastinação e autorregulação.

As respostas para as questões sobre o perfil usaram escala de múltipla escolha, enquanto para a identificação do nível de autorregulação e procrastinação foram elaboradas com base na escala Likert, na qual os respondentes são solicitados a expressarem não apenas se as assertivas correspondem ou não a algo extremamente característico, ou seja, deviam informar o grau de caracterização. Na presente pesquisa, as questões possuem uma escala de cinco pontos, com as seguintes opções: (1) nunca, (2) raramente, (3) às vezes, (4) frequentemente, e (5) sempre. O instrumento utilizado não foi submetido a pré-teste, pois trata-se de uma adaptação do estudo de Costa (2007).

Em relação à coleta de dados, tanto em Portugal quanto no Brasil, o primeiro contato foi com os professores com a finalidade de autorizarem que os acadêmicos respondessem o instrumento minutos antes de acabar as aulas. Assim, os respondentes foram informados sobre o assunto da pesquisa, seu objetivo, bem como a sua importância para os meios acadêmico e profissionais da área de ciências empresariais. Ainda, foram assegurados que os dados obtidos foram sigilosos e utilizados apenas com a finalidade acadêmica. Nos procedimentos de análise dos dados, utilizou-se frequência absoluta e relativa, além dos cálculos da média, moda e desvio padrão.

As limitações que prevalecem se referem aos períodos que foram aplicados os questionários em Portugal e no Brasil, apesar da aplicação dos mesmos ocorrerem em períodos normais de aulas, pode acontecer de alguns alunos não comparecerem nos dias escolhidos aleatoriamente. Além disso, outra limitação que pode ser considerável é referente à classificação de idade, o questionário foi adaptado de Costa (2007) e nos dados bibliográficos a idade é uma questão aberta para responder, com isso, pode haver uma pequena margem de erro na classificação geracional porque um acadêmico pode estar enquadrado na geração z no início do ano e ao completar mais um ano de vida já se enquadrará na geração y. Assim sendo, não é recomendável generalizar os resultados encontrados, visto que podem suceder desvios, já que os acadêmicos mudam a sua idade em um determinado momento do ano.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 Perfil dos Respondentes Brasileiros e Portugueses

A princípio se preocupou em consolidar os dados referentes ao perfil dos estudantes classificados em cada geração estudada, x, y e z, analisados separadamente, Brasil e Portugal.

Para qualificar os estudantes, aplicaram-se as questões para as seguintes categorias: gênero; licenciatura inscrita; ano de licenciatura; n° de reprovações; situação profissional; ensino secundário; preferência em curso da área de ciências empresariais, motivos pelos quais se inscreveu no curso que frequenta e a satisfação com o aprendizado até o momento. As informações referentes aos acadêmicos brasileiros são apresentadas a seguir.

Diante dos dados coletados, percebeu-se que as respostas encontradas para a geração y se assemelha muito aos resultados da geração z, porém com a geração x já há diferenças consideráveis.

O número de respondentes brasileiros totalizou em 209; destes 51,2% do sexo masculino e 48,8% feminino, sendo 2 homens da geração x, 28 da geração y e 77 gerações z. Já as mulheres compõem apenas as gerações y e z, com 22 e 80 representantes, respectivamente. O curso de Administração possui mais pessoas matriculadas, resultando em 54,07% das respostas e Ciências Contábeis 45,93%, referente aos anos que os alunos estão cursando encontrou-se 26,32%, 23,44%, 22,49%, 19,62% e 8,13%, referente ao 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano.

A maioria dos alunos (80, 86%), não possui nenhuma reprovação; 9,09% apresentam reprovação em apenas uma disciplina; 4,31% para três reprovações e o restante, 5,74% dos estudantes para duas, quatro e seis, disciplinas reprovadas. Os acadêmicos que trabalham na área contábil ou de negócio são 61,72% da amostra, 13,88% está desempregado, ou seja, são só estudantes e os profissionais de outras áreas representam 24,40%; sendo que os ramos com o maior número desses estudantes atuando são nas vendas (16%), serviços bancários (12%), estágio na área de negócios (10%) e comércio (8%). O percentual de onde o restante trabalha não é relevante para esta pesquisa, visto que são áreas muito distintas. A maioria estudou em escolas públicas (72,73%), sendo que 25,84% dos respondentes retratam os indivíduos que estudaram em escolas privadas, enquanto apenas 1,44%, esteve em ambas categorias.

Ainda, foi identificado que apenas 54,07% tinham interesse na área de Ciências Contábeis ou negócio. Por outro lado, 45,9% tinham interesse em outros cursos. Esse quadro demonstra a necessidade de motivação dos estudantes para que desperte o interesse pela área, caso contrário, resultará em desinteresse, prolongamento no curso e evasão.

Os motivos que influenciaram essas pessoas a escolherem o curso foram os seguintes, na ordem de maior influência: amplo mercado de trabalho (60,54%), boa opção para futuros concursos públicos (30,95%) e opção considerada mais adequada pelo nível de concorrência do vestibular (8,50%). Por fim, apenas 30,62% dos acadêmicos afirmam que estão satisfeitos com o ensino até o momento, enquanto, 15,31% estão insatisfeitos e a maioria, 54,07%, parcialmente satisfeitos. Em síntese, 69% dos respondentes demonstram grau de insatisfação com o curso.

A geração z (65,61%) dispõe de mais pessoas trabalhando na área de negócios do que a geração y (52%); porém, essa geração possui 34% dos respondentes que atuam em outras áreas. Já o grupo z consta apenas 20,38%. Ainda, quanto a satisfação referente ao curso, a geração mais nova, z, detém 55,41% dos jovens parcialmente satisfeitos, em contrapartida a geração y totaliza em 50% nessa opção; ou seja, tem mais pessoas completamente satisfeitas (36%) do que na geração z que aponta 28,66%.

Ademais, 80,86% tem zero reprovações nos cursos, fator importante para o estudo, pois não reprovar é um aspecto que está relacionado ao ato de procrastinação no estudo, porém, não é possível utilizar esse argumento como fator definitivo para que ocorra essa ação, já que a mesma, também, surge devido a outras dimensões (Costa, 2007).

Em Portugal houve 101 respostas, sendo 54,46% mulheres e 45,54% homens. Nesse contexto, há mais mulheres que homens, ao contrário do que ocorre no Brasil. De oito indivíduos que compõem a geração x – 25% é feminino e 75% masculino; a geração y totaliza 21 pessoas – 28,57% feminino e 71,43% masculino e, por fim, a geração z resultou em 72 jovens – 65,28% feminino e 34,72% masculino.

Não há estudantes do grupo x no curso de Marketing e Comunicação Empresarial (MCE). Porém, Organização e Gestão Empresarial (OGE) é composta por 25% e Contabilidade e Fiscalidade (CF) 75%. Os jovens enquadrados na geração y encontram-se

52,38% no curso de CF, 28,57% em MCE e 19,05% em OGE. O grupo z, a maior concentração desses indivíduos está no curso de OGE – com 59,72%, em MCE são 33,33% e CF, 6,94%.

Assim, percebe-se que em Portugal o interesse dos mais jovens, geração z, está voltado à graduação de Organização e Gestão Empresarial, para a geração x e y é Contabilidade e Fiscalidade. No geral, o curso com mais pessoas matriculadas é OGE, representando 48,51%, MCE com 29,70% e CF com 21,78%.

Os cursos analisados são de apenas três anos, só tem uma pessoa que compõe a geração x no 1º ano de graduação, 12,50%, o restante está no 2º ano e 3º ano com 25% e 62,50%, respectivamente. Nas outras gerações é bem proporcional a distribuição de alunos durante os anos. No geral, depara-se com 37,62% no primeiro ano, 32,67% no segundo ano e 29,70% no terceiro.

Quanto as reprovações, 68,32% dos acadêmicos não reprovaram nenhuma vez, com uma reprovação são 16,83%, duas reprovações são 6,93%, para três são 4,95% e quatro totaliza 2,97%. Com isso, percebe-se que todas as gerações possuem mais de 60% dos indivíduos com zero reprovações.

Referente a situação profissional dos acadêmicos, 74,26% são apenas estudantes, 11,88% trabalham por conta de outra pessoa e em outra área, 6,93% trabalham por conta própria em outra área, 3,96% trabalham por conta de outra pessoa, porém na área de ciências empresariais e, por fim, 2,97% trabalham por conta própria e na área de ciências empresariais. Os cursos de MCE e OGE são integrais no IPVC, ou seja, um fator que dificulta conciliar um serviço com os estudos. No entanto, todos os indivíduos da geração x trabalham mesmo havendo duas pessoas que cursam OGE, a qual é integral. A geração y detém 38,10% de indivíduos que são só estudantes, ou seja, a maioria também trabalha e a geração z tem 93,06% pessoas só estudantes, isto é, a grande maioria não trabalha durante a graduação.

A maior parte dos estudantes fizeram o ensino médio em escolas públicas, sendo 91,09%; em escolas privadas foram 2,97%, escola semiprivada e profissional 1,98%; escola pública/privada e cooperativa de ensino totalizaram em 0,99% dos respondentes.

Um amplo mercado de trabalho é um dos motivos que mais influenciou os jovens a escolherem o curso, apontado por 40,32% dos universitários; um total de 31,45% afirmam que a escolha ocorreu porque realmente gosta da área; 18,55% foi para o curso que conseguiu vaga na inscrição; 8,06% acreditam que são áreas boas para futuros concursos públicos e 0,81% escolheu esta formação por ser próxima a escola ou ser pós-Laboral.

A maioria dos alunos portugueses está satisfeita com o aprendizado até o momento, assim, essa opção apresenta 75,25%, já para muito satisfeito se encontra 16,83%, para pouco satisfeito são 6,93% e nada satisfeito 0,99%, sendo apenas uma pessoa da geração z.

Os resultados encontrados nos dois contextos apresentam semelhanças e distinções. Para ambos os grupos, o nível de reprovação é baixo, o número de alunos que cursaram o ensino médio na rede pública é predominante, mais da metade dos alunos realmente tinham preferência por um curso da área de ciências empresariais. Outra semelhança nos dois contextos é que a maioria dos acadêmicos afirmam que o motivo por optarem pelo curso é pelo amplo mercado de trabalho.

A maior divergência identificada entre Brasil e Portugal é referente a empregabilidade, pois em Portugal 74,26% dos respondentes são apenas estudantes, sendo que 93,06% só da geração z e 38,10% da geração y. No Brasil a realidade é diferente para essas duas gerações, pois 13,88% do acadêmicos só estudam; desses 14% da geração y e 14,01% da geração z, já a geração x nos dois grupos consta que 100% dos integrantes trabalham.

Contudo, há distinções consideráveis nos cursos, oferta noturna e com cinco anos no Brasil para ciências contábeis e quatro anos para administração; em Portugal são três anos e

integral para OGE e MCE e noturno para CF. A carga horária de contabilidade no Brasil é de 3.502 horas e administração é de 3.102 horas. Esses dois cursos abordam a Formação Geral que é referente as disciplinas obrigatórias, a Formação Diferenciada relativo as matérias optativas sendo que em contabilidade os estudantes devem realizar duas dessas e em administração cinco. Por fim, os cursos exigem que os alunos tenham atividades acadêmicas complementares, ou seja, participação de cursos, palestras e congressos. Em Portugal a contabilidade e fiscalidade possui 1.840 horas, Organização e gestão de empresas 2.144 horas e Marketing e comunicação empresária 2.416 horas, contemplando o ensino teórico prático; isto é, as aulas, monitorias, seminários e outras atividades adotadas por cada professor (Ipvc, 2018; Unioeste, 2018).

Com os resultados obtidos, percebe-se que apesar dessa mudança no ensino superior, grande parte dos jovens da geração z em Portugal não trabalham, sendo que desses 41,67% ainda estão no primeiro ano e mais da metade dos componentes dessa geração estudam OGE, um curso integral, dificultando a realização de práticas nos primeiros anos.

4.2 Níveis de Autorregulação e Procrastinação dos Estudantes das Gerações X, Y e Z de Brasil e Portugal

Considerando os objetivos do estudo de analisar o nível de autorregulação dos estudantes das gerações x, y e z, utilizou-se o Inventário de Processos de Autorregulação dos alunos (IPAA), que é composto por questões para os alunos fazerem a sua escolha a partir de uma escala de tipo Likert em cinco pontos, com os seguintes significados: Nunca 1; Raramente 2; Às vezes 3; Frequentemente 4; Sempre 5.

Obteve-se 209 respostas de acadêmicos brasileiros, dessas 2, 0,96%, para a geração x, 50, 23,92%, para a geração y e 157, 75,12%, para a geração z.

Como resultados, na média, 83,30% dos respondentes com frequência ou sempre autorregulam a sua aprendizagem. No que se refere à geração y, na média, 52% frequentemente ou sempre autorregulam os estudos, enquanto, 26,7% às vezes e 21,30% raramente ou nunca. O mesmo ocorreu para a geração z; na média, também foram 52% dos alunos que se autorregulam sempre ou frequentemente, no tempo em que 25,4% às vezes e 22,06% raramente ou nunca administram suas atividades.

Neste estudo, no contexto brasileiro a geração x é composta apenas por dois indivíduos, ou seja, os resultados encontrados devem ser analisados considerando esse fator. Das 12 questões referente a autorregulação, os respondentes da geração x, consideram nove situações que sempre ou frequentemente possuem um controle, sendo as questões A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A9 e A10. Com as análises, percebe-se a grande capacidade que os indivíduos possuem em ter um controle de suas obrigações acadêmicas.

Quanto às gerações y e z, os resultados encontrados são muito semelhantes. Não tem nenhuma questão com grande significância positiva referente as ações autorreguladoras de ambas as gerações. A geração y apresenta porcentagens abaixo de 25%, para nunca e raramente, nas questões A1, A2, A4, A5, A6, A9, A10, A11 e A12, apresentando os respectivos percentuais para frequentemente e sempre, 70%, 52%, 64%, 50%, 56%, 64%, 52%, 62% e 56%. A única atitude que poucos indivíduos afirmam ter frequentemente ou sempre é o planejamento de horário de estudos – questão A8, ou seja, a maioria não dispõe desse comportamento. Ainda, a questão A1 apresenta resultados consideráveis comparando os grupos, pois para a geração y 70% desses estudantes são capazes de analisar como deve ser realizada a atividade para concluí-la adequadamente antes de iniciá-la; já a geração z a percentagem é inferior a essa atitude, sendo de 55,4%.

Apenas uma questão apresenta divergência nos resultados encontrados das gerações y e z, sendo ela a A3, a qual não apresenta valores significantes, isso é, 30% nunca ou raramente e 34% sempre ou frequentemente os indivíduos da geração y irão se autorregular. Para a geração z nunca e raramente são apenas 21,7% e 43,9% acreditam que sempre ou frequentemente apresentam esse comportamento. Por fim, nessa questão, 34,4% dos estudantes do grupo z conseguem as vezes analisar que comportamento pode auxiliá-los na conquista de seus objetivos, para a geração y são 36%.

Diante das grandes mudanças, os atuais jovens e adolescentes apresentam características e visões distintas da geração anterior, x, característica que pode ter influenciado nos diferentes resultados encontrados, mesmo que representem apenas 1% do grupo. Enquanto, na média, 83,3% da geração x gerencia com frequência ou sempre os estudos, isso ocorre com apenas 52% dos estudantes das gerações y e z. Com isso, percebe-se que no Brasil a geração x tende a ter maior autorregulação de suas atividades acadêmicas comparando com as gerações y e z.

Quanto aos índices dos universitários portugueses, obteve-se 101 respostas, sendo oito pessoas da geração x (7,92%), 21 indivíduos da geração y (20,80%) e a geração z resultou em 72 respostas (71,28%).

Em Portugal, em média, 66,7% dos estudantes frequentemente ou sempre autorregulam sua aprendizagem, 36,1% dos acadêmicos frequentemente ou sempre conseguem se regular; 21,8% às vezes e 42,1% nunca ou raramente. Ou seja, a maioria desses jovens não possuem o hábito de autorregular suas atividades acadêmicas.

Ainda, 45% dos alunos se autorregulam com frequência ou sempre; 30,8% às vezes e 24,2% nunca ou raramente desenvolvem esse comportamento. Mais da metade dos respondentes da geração x conseguem se autorregular com as atividades acadêmicas, na questão A1 e A5 87,5% afirmam ter essa atitude, nas questões A6, A10, A11 e A12 são 75% dos acadêmicos que sempre ou com frequência conseguem se autorregular.

Nesse grupo, apenas a questão A8 apresentou um percentual de 25 para as opções nunca e raramente, ou seja, esses indivíduos não possuem o costume de realizar um horário de estudo. Ainda, as questões A3, A4, A5, A6, A9, A10, A11 e A12 apresentam 0% para as opções de raramente ou nunca se autorregular. Com isso, sabe-se que esses indivíduos apresentam grande capacidade de desenvolver esse comportamento. Segundo Amaral (2004), os indivíduos da geração x são muito práticos, leais e muito focados nos resultados, aptos com mudanças desde que atinjam seus objetivos, ou seja, tendem a se autorregular pelo fator de atingirem a sua finalidade com a universidade que é se formar e/ou obter sucesso.

Com relação a geração y, a única questão que mais da metade dos estudantes responderam que realizam com frequência ou sempre foi a A5, com 57,1%; a questão A2 apresentou que 71,4% nunca ou raramente corrigem os testes para saber o que errou e, assim, descobrir a nota. A única questão com percentual inferior a 25% para nunca e raramente foi a A12, as demais questões apresentaram percentuais acima de 28,6%. Com isso, percebe-se que a maioria dos indivíduos que compõem a geração y não possuem o hábito de autorregular a sua aprendizagem. Por essa geração ser autoconfiante, destemida e não atender muito as regras (Amaral, 2004; Ikeda, Campomar, & Pereira, 2008) pode influenciar para não desempenharem grandes níveis de autorregulação, pois esse comportamento deve ser regado para ser eficiente.

Os resultados encontrados para a geração z se assemelham um pouco com a conclusão da geração y; porém, pode ser considerada como um meio termo entre a geração x e a geração y. Assim, como na geração y, esse grupo apresentou na questão A5, que 66,7% dos estudantes consegue com frequência ou sempre se esforçar para entender o conteúdo. Ainda, as questões A1, A4, A9, e A12 dispõem dos seguintes percentuais para sempre ou frequentemente,

58,3%; 54,2%; 56,9% e 50% para as opções raramente ou nunca só a questão A2 e A8 estão com mais de 25%, sendo 33,3% e 45,8%, respectivamente.

Além disso, as questões A1, A3, A4, A6, A7, A9, A10 e A11 apresentam valores superiores na opção às vezes, comparado com nunca ou frequentemente. Diante disso, entende-se que nem sempre essa geração consegue se autorregular, porém, de vez em quando, isso é possível, existindo poucas ocasiões que os indivíduos nunca ou raramente desenvolvem esse comportamento. Segundo Santos Neto e Franco (2010), a geração z é uma geração silenciosa e ainda tem habilidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo, assim sendo, nem sempre necessita deixar de fazer algo para estudar, facilitando a existência de comportamentos autorreguladores.

Na questão A1, a maioria da geração x (87,5%) e z (58,3%) consegue sempre ou frequentemente analisar o que é preciso para fazer e concluir um trabalho. Em contrapartida, a geração y apresenta 42,9% para a opção às vezes. Na questão A2, 71,4% da geração y nunca ou raramente verifica o que errou nos testes e calcula suas notas, já na geração x, 50% das pessoas às vezes possuem essa conduta. Na questão A6, o grupo x possui 75% para sempre ou com frequência e 0% para nunca ou raramente; o grupo y exibe 33% para sempre ou com frequência e 47,6% para nunca ou raramente; por fim, no grupo z, 36,1% usufrui sempre ou frequentemente do comportamento autorregulado e 23,6% nunca ou raramente. As questões A7, A8, A10 e A11 apontam informações semelhantes a A6.

Diante disso, percebe-se o quanto a geração x consegue se autorregular mais que as outras – com percentual de 66,7% para sempre ou frequentemente, a geração y tende a ter pouca autorregulação, pois apresenta mais percentual para nunca e raramente e um total de 36,1% para sempre ou frequentemente. E, a geração z é realmente o meio termo, pois apresenta mais percentuais nas escolhas às vezes, sendo 45% para frequentemente ou sempre. Assim, percebe-se que em Portugal a geração x tende a ter maior autorregulação de suas atividades acadêmicas, confrontando com as gerações y e z.

Desta forma, observa-se a veracidade da TSC por fundamentar a atitude autorregulada declarando que os acontecimentos internos e externos induzem nas ações específicas de cada pessoa. Ainda, a TSC apresenta a abordagem de concepções pedagógicas ativas na aprendizagem, pois com isso é possível motivar e auxiliar no desenvolvimento de indivíduos que possuem dificuldade em aprimorar suas atitudes autorreguladoras, que é o caso das gerações y e z.

No contexto brasileiro, a geração x afirma não se autorregula apenas com a realização de horário de estudos, em Portugal esse comportamento também não é realizado por metade dos respondentes, nos dois contextos os integrantes dessa geração apresentaram respostas muito semelhantes, ou seja, com alto nível de autorregulação, sendo que no Brasil 83,3% dos respondentes assinalaram que sempre ou frequentemente possuem esse comportamento, em contrapartida em Portugal foram 66,7%. Para a geração y, em todas as questões os respondentes portugueses apresentam um percentual para nunca e raramente maior que os brasileiros, os quais dispõem que 52% dos respondentes sempre ou frequentemente autorregulam sua aprendizagem já os portugueses 36,1% possuem esse comportamento.

Enfim, a geração z no Brasil reconhece que 52% frequentemente ou sempre autorregulam e em Portugal o percentual para essas opções é de 45%; ou seja, essa geração apresenta grandes semelhanças no comportamento autorregulado da aprendizagem, mesmo em contextos culturais distintos. Comparando Brasil e Portugal, percebe-se que os indivíduos brasileiros das três gerações possuem níveis mais altos de autorregulação do que os portugueses.

Com relação a geração x, nos dois contextos se encontra um percentual semelhante, 18,75% em Portugal e 20% no Brasil, além dos mesmos apresentarem altos níveis de

autorregulação. Esse fator é explicado por Sampaio (2011), pois seu estudo apresentou uma correlação entre a procrastinação acadêmica e autorregulação da aprendizagem, isso indica que estas estão inversamente relacionadas – isto é, quanto maior for a autorregulação menor será o comportamento procrastinador e vice-versa.

Para analisar o nível de procrastinação existente entre os acadêmicos das gerações x, y e z, tanto brasileiros quanto portugueses, utilizou-se o Questionário de Procrastinação no Estudo (QPE), o qual contém questões para os acadêmicos elegerem a opção por meio de uma escala de tipo Likert em cinco pontos, com os seguintes significados: Nunca 1; Raramente 2; Às vezes 3; Frequentemente 4; Sempre 5.

Esse questionário é composto por dez questões, a tabela com as informações foi dividida para melhor visualização e compreensão, pois há questões com sentidos inversos, considerando as questões positivas quando realmente se refere a procrastinação e negativas quando se refere ao comportamento contrário da procrastinação. Assim, as perguntas P1, P4, P5, P7 e P10 indicam ações contrárias a procrastinação, já a P2, P3, P6, P8 e P9 são práticas procrastinadoras.

Para a geração x, as questões P1, P5, P7 e P10 apresentaram os seguintes percentuais 100, 50, 100 e 50, nessa ordem e apenas na questão P4, que é estudar todos os dias as matérias, 100% dos indivíduos dessa geração nunca realizam, nas outras perguntas as opções nunca e raramente estão zeradas. Assim sendo, essa diferença entre o resultado da questão 4 e das demais pode ser explicada pela Teoria Comportamental, que conforme altera o ambiente que o indivíduo está inserido pode mudar suas atitudes e essa questão se refere à estudos diários após as aulas presenciais. Diante disso, percebe-se que os indivíduos não possuem atitudes procrastinadoras, apesar desse grupo ser composto por apenas dois respondentes.

Com relação a geração y, apenas uma dessas questões negativas exibiu um efeito superior a 50, sendo a P1 com 54% para sempre ou frequentemente, a P4, P5, P7 e P10 aponta os percentuais na seguinte ordem, 18, 16, 36 e 26, assim grande parte (64%) dos indivíduos dessa geração nunca ou raramente estudam todos os dias as disciplinas. Com esses resultados, sabe-se que a maioria dos indivíduos optaram pela opção às vezes no questionário, ou seja, a geração y tende a ter um equilíbrio, nessa situação não é possível compreender como se origina esses comportamentos, por meio da TCC, pois não apresenta, visivelmente, fortes comportamentos procrastinadores e nem autorreguladores.

Quanto a geração z, em nenhuma questão teve mais de 50% para as alternativas sempre e com frequência, para nunca e raramente a P1, P4, P5, P7 e P10 dispõem de 28%, 72,6%, 23,6%, 42% e 34,4%, respectivamente. Nesse grupo, a questão com mais rejeição foi semelhante a geração y, sendo a P4 com 72,6%. Diante disso, entende-se que os indivíduos tendem a procrastinar mais do que se autorregular frente as situações abordadas, ou seja, é mais fácil protelar ao invés de solucionar rapidamente o assunto.

Na geração x 40% dos respondentes afirmam que nunca ou raramente procrastinam e 20% sempre ou frequentemente. Para geração y, nas opções nunca e raramente há 45,2% dos acadêmicos. Verifica-se que a geração x dispõe que 100% dos acadêmicos, às vezes, estão distraídos no momento em que estudam para as provas, na interrogação P2, as questões P6, P8 e P9 possuem os respectivos valores para nunca ou raramente, 50%, 100% e 50%, sendo que a questão P9 e P3 possuem 50% para sempre ou frequentemente. Assim, esse grupo de pessoas em poucas situações constata que procrastinam.

Nenhuma das questões abordadas apresentou um percentual significativo na geração y, para sempre ou frequentemente, em todas as questões a maioria das pessoas assinalaram às vezes, raramente ou nunca. Nessa perspectiva, os indivíduos desse grupo tendem a nunca, raramente ou às vezes desempenhar um comportamento procrastinador.

Por fim, a geração z se assemelha aos resultados encontrados para a geração y, pois, também há poucas pessoas que sempre ou com frequência detém o hábito de procrastinar. As questões P2, P3, P6, P8 e P9 apresentam os seguintes valores nas opções nunca ou raramente, 32,5%, 39,5%, 29,3%, 55,4% e 29,9%, respectivamente. Diante disso, interpreta-se que essa geração detém poucos episódios que os façam procrastinar.

Em síntese, ao analisar as 10 questões, a geração x exibe um comportamento contrário a procrastinação; ou seja, normalmente apresentam mais facilidade em se autorregular. A geração y, nas questões de cunho negativas, a conclusão é que são pessoas que praticam às vezes as ações abordadas. Porém, analisando de forma geral as 10 questões, entende-se que na maioria dos casos os indivíduos possuem um grau de procrastinação, mas nada muito exorbitante, pois não praticam sempre ou frequentemente e, sim, só às vezes.

Para a geração z, as conclusões são semelhantes, mesmo apresentando maiores percentuais na opção às vezes – comparado com a geração y; ou seja, as pessoas que compõem esse grupo afirmam que na maioria das ocorrências analisadas procedem às vezes com ações procrastinadoras. A procrastinação é um comportamento que pode ser realizado em várias situações, a TCC busca explicar o porque dessa atitude, ainda essa teoria explica que as atividades cognitivas do indivíduo possui capacidade de resultar nas ações e para alcançar o comportamento almejado é necessário mudar a cognição para que estejam alinhados. Essa conduta que é viável o indivíduo desempenhar, no contexto brasileiro, principalmente os jovens das gerações y e z por apresentarem maior nível de procrastinação.

Diante disso, entende-se que a geração z procrastina mais que a y, pois a média do nível de procrastinação é de 33,75% e 28%, respectivamente. Com relação a geração x, esta procrastina menos, pois apresenta que uma média de 20% dos integrantes tende a procrastinar, fator que comprova a H2a.

No contexto português, a procrastinação foi analisada e examinou-se que 60% dos acadêmicos da geração x, na média, com frequência ou sempre possuem o comportamento contrário a procrastinação. Além disso, percebeu-se que 43,8% desses nunca ou raramente gerenciam os estudos; portanto, procrastinam e 30,5% às vezes; ou seja, 74,3% possuem essa atitude. Esse fator pode ocorrer, pois 61,90% dos portugueses dessa geração trabalham ao mesmo tempo que estudam. Entretanto, ressalta-se que a geração x apresenta alto nível de autorregulação e 100% dos indivíduos trabalham ao mesmo tempo que fazem a graduação. Ainda, 68,9% desses estudantes nunca, raramente ou às vezes deixam de gerenciar os estudos, portanto, adotam modos com características procrastinadoras, percentual menor que da geração y que totaliza em 74,3%; isso é, o grupo z procrastina menos que y.

Quanto as primeiras questões abordadas na tabela, grande parte dos respondentes da geração x consideraram que sempre ou frequentemente realizam atividades opostas a procrastinação. Isso ocorreu na questão P1 (87,5%), P5 (87,5%) e P7 (62,5%) e nunca ou raramente estudam as matérias todos os dias, P4 com 50%.

Assim, como na geração x, a y também possui a maioria que nunca ou raramente estuda todos os dias (P4), sendo 71,4% dos respondentes. A questão P7 e P10 apresentam, respectivamente, que 81% e 76,2% dos jovens nunca, raramente ou às vezes cumprem com o plano de ensino (P7) e iniciam rapidamente os trabalhos escolares (P10). A pergunta P5 consta que 76,2% às vezes, frequentemente ou sempre tentam esclarecer as dúvidas rapidamente e iniciam as atividades o mais rápido possível, ou seja, evitam a procrastinação.

Em síntese, 43,8% dos acadêmicos da geração y raramente ou nunca possuem hábitos divergentes da procrastinação, significando que se aproximam de apresentar essas ações procrastinadoras, ao mesmo tempo que 30,5% só às vezes e 25,7% sempre ou frequentemente se autorregulam. Diante disso, percebe-se que o grau de procrastinação da geração y é maior que da geração x.

Cerca de 51,3% dos respondentes da geração z consideram que possuem o comportamento procrastinador quando se refere a estudar todos os dias as matérias (P4). E as questões que menos procrastinam são P1 (16,7%) e P5 (13,9). Isso é, 61% dos respondentes procrastinam às vezes ou raramente. Enfim, a geração z dispõe de 41,4% para a maior média, assim essa geração às vezes tende a procrastinar.

Constata-se que nenhum respondente da geração x assinalou a alternativa sempre para essas últimas questões, o extremo com as opções nunca ou raramente apresentaram percentuais igual ou inferiores a 50%; a questão P3 representa que 50% dos respondentes às vezes praticam essa ação. Em síntese, na média, 25% procrastinam com frequência, 37,5% às vezes e 37,5% nunca ou raramente procrastinam.

Para a geração y, a opção sempre foi assinalada nas questões P3 e P8 por apenas 1,9% dos respondentes, as respostas mais elevadas se encontram nas alternativas nunca ou raramente procrastinam com 47,6%; 33,3%; 47,6%; 57,1% e 38,1% para as seguintes questões P2 que é estar distraído durante os estudos para provas, P3 o aluno possui muitas atividades e não consegue estudar, P6 interromper os estudos para as provas para realizar outras atividades, P8 significa a desistência de realizar trabalhos difíceis para desempenhar outra tarefa e, por fim, P9 que é adiar os estudos para depois quando já poderia ter feito.

A geração z apresenta que 4,2% sempre pratica as atitudes das questões P2, P3, P6 e P8, para P9 que é adiar os estudos apenas 2,8% nessa frequência, ou seja, poucos alunos procrastinam sempre. Para nunca e raramente as questões P2, P3, P6, P8 e P9 possuem nessa ordem um total de 44,4%; 47,2%; 31,9%; 62,5% e 41,7% dos acadêmicos. Isso mostra que grande parte dos indivíduos dessa geração raramente ou nunca praticam atitudes procrastinadoras nos estudos. Nessa perspectiva, percebe-se que nas primeiras questões, com conotação negativa, a geração x aponta que 12,5% dos indivíduos sempre ou frequentemente procrastinam, 43,8% na geração y e 26,7% na geração z. Nas perguntas positivas, 25% da geração x afirma que sempre ou frequentemente procrastinam, 22,9% da geração y e 13,1% da geração z.

Em síntese, a geração x detém que em média 18,75% dos indivíduos procrastinam sempre ou frequentemente; a y 33,35% e a z 19,9%, assim, entende-se que as pessoas que mais possuem capacidade de não procrastinarem e autorregular as suas atividades acadêmicas são da geração x, depois a geração z e, por fim, a geração y. Com isso, confirma-se a H2b, a qual afirma que em Portugal as gerações y e z tendem a procrastinar mais do que a geração x. Ainda, a TCC expõe que alterando a cognição atual é possível alcançar o resultado desejado que seria um comportamento autorregulador, ou seja, as gerações que possuem maior nível de procrastinação, detém capacidade de reverter isso.

A situação brasileira difere da portuguesa, pois a geração z no Brasil apresenta uma média semelhante a geração y em Portugal, sendo 33,75% e 33,35% respectivamente. Com isso, entende-se que a geração z no Brasil é a mais procrastinadora e em Portugal é a geração y.

Diante disso, os estudantes brasileiros possuem maior capacidade de autorregular a sua aprendizagem que os portugueses. Isso afirma que as gerações x, y e z no Brasil apresentam os respectivos níveis de autorregulação, para sempre ou frequentemente, 83,3%, 52% e 52%, já em Portugal os níveis são 66,7%, 36,1% e 45%. Quanto à procrastinação, o nível de estudantes que apresentam sempre ou frequentemente esse comportamento para as gerações x, y e z são 20%, 28,2% e 33,75%. No contexto brasileiro e 18,75%, 33,35% e 19,9%, no âmbito português. Diante disso, ambos países dispõem baixos níveis de procrastinação, sendo a geração x o grupo que mais autorregula e menos procrastina. No Brasil, a geração z é a mais procrastinadora, entretanto o seu nível de autorregulação é igual

ao da geração y. Em contrapartida, em Portugal a geração y é a mais procrastinadora e com menor capacidade de autorregular a sua aprendizagem.

5 CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre os níveis de procrastinação e autorregulação na percepção de estudantes, pertencentes às gerações x, y e z, de graduação na área de negócios em contextos culturais distintos, Brasil e Portugal. Para tanto, questionários foram respondidos por acadêmicos de uma instituição em cada país, com o intuito de obter os níveis de procrastinação e autorregulação.

O número de respondentes brasileiros totalizou em 209, sendo dois homens da geração x, 28 da y e 77 da z, já as mulheres compõem apenas as gerações y (22) e z (80). Administração possui 54,07% do total e Contabilidade 45,93%. Nesse contexto, cerca de 80,86% dos acadêmicos não reprovaram em nenhuma disciplina, o restante (19,14%) representam alunos reprovados em uma, duas, três, quatro e seis disciplinas. Os estudantes que conciliam trabalho com os estudos são 86,12% e 13,88% estão desempregados, portanto, são só estudantes. Mais da metade dos respondentes (54,07%) tinha interesse na área de ciências empresariais, em contrapartida, 45,9% possuíam interesse em outros cursos. Por fim, 54,07% dos acadêmicos afirmam estar parcialmente satisfeitos com o ensino, 30,62% satisfeitos e 15,31% insatisfeitos.

No âmbito português, foram coletadas respostas de 101 acadêmicos, sendo a geração x composta por 2 mulheres e 6 homens, a y por 6 mulheres e 15 homens e a geração z por 47 mulheres e 25 homens. O curso de Organização e Gestão Empresarial (OGE) é composto por 48,51% dos acadêmicos, Marketing e Comunicação empresarial (MCE) por 29,70% e 21,78% para Contabilidade e Fiscalidade (CF). Quanto as reprovações, 68,32% dos acadêmicos não reprovaram nenhuma vez, 16,83% uma vez e 14,85% para duas, três e quatro matérias reprovadas. Ao contrário do Brasil, em Portugal a maioria dos alunos só estuda, sendo um total de 74,26%; ou seja, apenas 25,74% trabalham e estudam. Cerca de 73,27% dos estudantes realmente queriam algum curso de ciências empresariais. por fim, 75,25% estão satisfeitos com o ensino, muito satisfeito são 16,83%, para pouco satisfeito são 6,93% e nada satisfeito, 0,99%.

A partir dos resultados, na média, infere-se que os brasileiros possuem maior habilidade de autorregular a aprendizagem do que os portugueses, porém, o nível de procrastinação em Portugal é inferior aquele apresentado no Brasil, comparando cada geração e, ainda, os níveis de procrastinação são relativamente baixos para ambos os contextos. O nível de procrastinação para os indivíduos portugueses que compõem as gerações x (18,75%) e z (19,9%) são inferiores a geração x (20%) no Brasil, a qual apresenta menor percentual das três gerações sendo z com 33,75% e a geração y 28,2%. Em Portugal a geração y apresenta um nível de procrastinação de 33,35%. Diante disso, entende-se que apesar de os brasileiros possuírem grande capacidade de autorregular, apresentam maior nível de procrastinação quando comparado com os estudantes portugueses.

Em síntese, os estudantes brasileiros possuem maior capacidade de autorregular a sua aprendizagem que os portugueses. Quanto a procrastinação, ambos países dispõem baixos níveis de procrastinação, sendo a geração x o grupo que mais autorregula e procrastina menos. No Brasil, a geração z é a mais procrastinadora, mas o seu nível de autorregulação é igual ao da geração y. Em Portugal, a geração y é a mais procrastinadora e com menor capacidade de autorregular a sua aprendizagem.

Portanto, respondendo ao problema de pesquisa e atendendo o objetivo geral do estudo, constatou-se que a geração x é a que detém mais capacidade de autorregular sua

aprendizagem. Em contrapartida, as gerações mais novas, y e z, possuem maior probabilidade de procrastinarem. Entretanto, em Portugal foi observado que o nível de procrastinação da geração z (19,9%) é muito próximo da geração x (18,75%), mostrando que essa geração, apresenta melhor capacidade de evitar atitudes procrastinadoras. Percebe-se que a geração y em Portugal é a que mais procrastina, já no Brasil a geração z é a mais procrastinadora.

Como contribuição, o presente estudo possibilita que estudante, docentes e empresários entendam os níveis de autorregulação e procrastinação de cada geração em ambos os contextos culturais. Ainda, é possível aprofundar o entendimento a respeito das principais características de cada geração. Para os estudantes, recomenda-se que eles entendam e conheçam melhor as características predominantes da geração em que estão classificado, pois, assim, é possível aprimorar as suas qualidades. Possibilitando evitar comportamentos prejudiciais, podendo desenvolver características autorreguladoras no ensino ou aperfeiçoá-las, uma vez que é um comportamento que contribui para um bom desempenho acadêmico.

Aconselha-se que os docentes se mantenham atentos à quais gerações seus alunos pertencem para, assim, produzir atividades capazes de estimulá-los e compartilhar os conhecimentos de maneira mais fácil. Ainda, é possível manter uma boa comunicação e convivência com os discentes. Os empresários devem ser atenciosos ao contratar seus funcionários, pois há diferenças entre indivíduos de cada geração, revelando as qualidades e particularidades. Além disso, o conhecimento a respeito das divergências de cada um facilita o convívio, comunicação e até como estimular cada empregado para atingir os objetivos da empresa.

Em suma, para estudos futuros, sugere-se que seja pesquisado o que motiva ou ocasiona o surgimento das atitudes procrastinadoras ou a não realização da autorregulação de sua aprendizagem, para cada geração separadamente. Desse modo, será possível identificar o que estimula esses indivíduos, sendo importante aos docentes a fim de planejamento de cursos e disciplinas. Ressalta-se, também, a importância aos empresários que possuem em suas instituições pessoas das gerações estudadas, facilitando a convivência e auxiliando os profissionais a agirem de maneira coerente para encaminhar esses indivíduos aos resultados desejados.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. & Soares, A. (2004). *Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária.
- Amaral, S. E. (2004). *Virando gente grande: como orientar os jovens em início de carreira*. São Paulo: Gente.
- Balkis, M., & Duru, E. (2009). Prevalence of Academic Procrastination Behavior Among PreService Teachers, And Its Relationship with Demographics and Individual Preferences. *Journal of Theory and Practice in Education*, 5 (1), 18-32.
- Bandura, A. (2008). O sistema do self no determinismo recíproco. *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Borges, I. M. T., Santos, A., Abbas, K., Marques, K. C. M., & Tonin, J. M. F. (2014). Reprovação na disciplina de contabilidade de custos: quais os possíveis motivos?. In *Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC*.
- Burka, J., & Yuen, L. (1991). *Procrastinação*. São Paulo: Nobel.

Ciriaco, D. (2009). O que é a geração z? *Cultura Geek*, 2009.

Costa, M. D. S (2007). *Procrastinação, autorregulação e gênero*. 135 f. Tese (Mestrado em Psicologia) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Day, V., Mensink, D., & O'Sullivan, M. (2000). Patterns of Academic Procrastination. *Journal of College Reading and Learning*, 30 (2), 120- 134.

Ferrari, J. (2001). Procrastination as Self-Regulation Failure of Performance: Effects of Cognitive Load, Self-awareness , and Time Limits on “Working best under pressure”, *European Journal of Personality*, 15 (5), 391-406.

Hill, M. B., Hill, D. A., Chabot, A. E., & Barrall, J. F. (1978). A survey of college faculty and student procrastination. *College Student Journal*.

Ikeda, A. A., Campomar, M. C., & Pereira, B. C. S. (2008). O uso de coortes em segmentação de marketing. *O&S*, 15 (44), 25-43.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *O setor de tecnologia da informação e comunicação no Brasil 2003-2006*. Recuperado de: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/stic/publicacao.pdf>>. Acesso: 01/06/2016.

Iskender, M. (2011). The influence of self-compassion on academic procrastination and dysfunctional attitudes. *Academic Journals*, 6 (2), 230-234.

Jorgensen, B. (2003). Baby Boomers, generation x and generation y? Policy implication for defence in the modern era. *Foresight*, 5 (4).

Levy, M., & Weitz, B. A (2000). *Administração de Varejo*. São Paulo: Atlas.

Lombardia, P, Stein, G., & Pin, J. R. (2008). *Políticas para dirigir a los nuevos profesionales – motivaciones y valores de la generación Y*. IESE Business School, Navarra: Universidad de Navarra, n. 753.

Ogg, J., & Bonvalet, C. (2006). *The baby boomer generation and the birth of 1945-1954: a European perspective*. ESRC Social Science Week.

Parry, E., & Urwin, P. (2010). Tapping into talent: age factor and generation issues. Institute of Personnel and Development, London, (61), 1-42.

Ribeiro, F., Avelino, B. C., Colauto, R. D., & Nova, S. P. D. C. C. (2014). Comportamento procrastinador e desempenho acadêmico de estudantes do curso de ciências contábeis. *Journal Advances in Scientific and Applied Accounting (ASAA)*, São Paulo, 7 (3), 386-406.

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rosário, P., Trigo, J., & Guimarães, C. (2004). Estórias para estudar, histórias sobre estudar: narrativas auto-regulatórias na sala de aula. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, 16 (2), 117-133.

Sampaio, R. K. N. (2011). *Procrastinação acadêmica e autorregulação da aprendizagem em estudantes universitários*. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Santos Neto, E., & Franco, E. S. (2010) Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. *Revista de educação do COGEIME*, São Paulo, 19, (36), 9 – 25.

Senécal, C., Koestner, R., & Vallerrand, R. (1995). Self-regulation and academic procrastination. *The Journal of Social Psychology*, 135 (5), 607-619.

Silva, E. M. D., Silva, E. M. D., Gonçalves, V., & Murolo, A. C. (1997). *Estatística para os cursos de Economia, Administração e Ciências Contábeis*. São Paulo, Editora Atlas, 2.

Smith, W. S. (2008). Decoding generational differences: fact, fiction... or should we just get back to work? *Deloitte Development*.

Smola, K. W., & Sutton, C. D. (2002). Generation differences: revisiting generation work values for the new millennium. *Journal of Organization Behavior*, 23 (4), 363-82.

Somers, P. (2008). Gênero e outras variáveis que influenciam na procrastinação acadêmica. *Educação*, Porto Alegre, 31 (1), 54-60.

Tapscott, D. (2010). *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir negócios.

Tapscott, D. & Williams, A. D. (2007). *Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar seu negócio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Tijiboy, A. V. (2001). *As novas tecnologias e a incerteza na educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

Tolbize, A. (2008). *Generational differences in the workplace*. Minneapolis: Research and Training Center on Community Living – University of Minnesota.

Zemke, R., Raines, C., & Filipczak, B. (2000). *Generations at work: managing the clash of veterans, boomers, xers, and nexters in your workplace*. New York: Amacom.

Zimmerman, B. (1990). Theories os self-regulated learning and academic achievement: An overview, *Education Psychologist*, 1 (25), 3-17.

Zimmerman, B. & Schunk, D. (2001) *Self-regulated learning and academic achievement: theoretical, perspectives*. New York: Lawrence Erlbaum Associates.